

## A PERDIZ EM QUEDA LIVRE: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM DELFINA, EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE, SOB O VIÉS DA ANTINEGRITUDE

Michelly Cristina Alves Lopes\*  
michellyalveslopes@gmail.com  
Universidade Federal do Espírito Santo

Nelson Martinelli Filho\*\*  
nelsonmfilho@gmail.com  
Instituto Federal do Espírito Santo

---

**Resumo:** O artigo analisará a personagem Delfina do romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane (2008), autora moçambicana que, através da perspectiva feminina negra, aborda temas inéditos como sexo, prazer feminino, feitiçaria, verdadeiros tabus naquela sociedade. Na análise da personagem Delfina, buscaremos compreender as características singulares que se impõem às sociedades colonizadas pelo Norte global, recorrendo ao conceito de antinegritude, braço teórico do Afropessimismo. A antinegritude compreende que a díade negro/não negro é fundamental para a compreensão das relações levadas a termo na vida do povo negro. Neste sentido, o conceito se diferencia do racismo e será o elemento primordial para estudarmos a obra de Chiziane.

**Palavras-chave:** Paulina Chiziane. Racismo. Antinegritude.

### 1. Introdução

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, com bolsa CAPES; Mestre em Letras pela UFES; Especialista em Literatura, cultura e arte pela Faculdade Brasileira; e Graduada em Letras-Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo - IFES. Trabalho com literatura produzida por autores negros brasileiros e africanos, feminismo periférico, memória, ancestralidade e crítica pós-colonial. Participa do Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento (Netir).

\*\* Doutor em Letras (área de concentração: Estudos Literários) pela Universidade Federal do Espírito Santo, com pós-doutorado em Letras (Ufes); Mestre em Letras (Ufes); graduado em Letras-Português (Ufes). Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGL/Ufes). Professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFRN/Ifes). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH/Ifes). Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do GT Teoria do Texto Poético, vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll). Editor associado da Contexto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (Ufes). Líder do Núcleo de Pesquisa em Literatura Moderna e Contemporânea (Ifes/CNPq); líder do Núcleo de Pesquisa em Literatura e Testemunho (Ifes/CNPq); membro do grupo de pesquisa Textualidades Contemporâneas: Processos de Híbridação (UnB/CNPq). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura contemporânea, narrativa, poesia brasileira, autofic o, autor e autoria, literatura de testemunho, memória, psicanálise, mercado editorial.

Paulina Chiziane tem representado um ponto fora da curva no campo literário moçambicano, pois inova não apenas na autoria; ela vai além, porque passa a escrever através do olhar da mulher negra moçambicana e trata de assuntos até então inéditos como sexo, prazer feminino e até mesmo a feitiçaria – temas considerados tabus naquela sociedade.

A contadora de histórias inicia sua trajetória literária publicando contos na imprensa em 1984, como na revista *Tempo e Página Literária*. No entanto, apenas em 1990 publica seu primeiro romance, *Balada de amor ao vento* (Rodrigues, 2020), tornando-se a primeira mulher preta<sup>1</sup> a publicar um romance em Moçambique. Em 1993, lança o romance *Ventos do apocalipse*; em 2000, publica a trama d'*O sétimo juramento*, seu terceiro romance; em 2002, a autora traz *Niketche: uma história de poligamia*; *O alegre canto da perdiz*, cujo enredo é o corpus desta pesquisa, é lançado em 2008; em 2010, *As andorinhas* vem à cena trazendo três contos que abordam a tradição oral de Moçambique; *Na mão de Deus* e *Por quem vibram os tambores do além* são obras de 2013; em 2015, Chiziane lança juntamente com Mariana Martins o romance *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento*; e, mais recentemente, em 2017, publica *O canto dos escravizados*, que é seu livro de poemas.

Em 2020, conquistou o prêmio Camões, a mais ilustre honraria para escritores de língua portuguesa, tornando-se a primeira escritora africana negra a alcançar tal feito. Paulina Chiziane, ao ser surpreendida pelos jornalistas que a foram entrevistar, afirmou:

Não contava com isso. Recebi a notícia e disse: “Meu Deus! Eu já não contava com essas coisas bonitas!” É muito bom. Esse prêmio é resultado de muita luta. Não foi fácil começar a publicar sendo mulher e negra. E continua: Depois de tantas lutas, quando achei que já estava tudo acabado, vem esse prêmio. O que eu posso dizer? É uma grande alegria (Chiziane, 2021).

Neste artigo nos debruçaremos sobre a personagem Delfina do romance *O alegre canto da perdiz*, buscando analisar características singulares que se impõem às sociedades colonizadas pelo Norte global através do conceito de antinegitude. Nesse caso, mais especificamente, trataremos das mazelas do enredo que se passa em Moçambique, país colonizado por portugueses, que sofreu e ainda sofre com o

---

<sup>1</sup> De acordo com Adolto Gonçalves, Lília Momplé, ex-secretária geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, foi a primeira mulher a publicar em Moçambique sendo autora de livros de contos e de uma biografia, porém, como Momplé é mestiça e carrega sangue europeu, se o critério for uma “suposta africanidade”, Paulina seria a primeira escritora negra moçambicana (Gonçalves, 2012, p. 33).

imaginário social criado para diminuir e dizimar todo um povo e suas tradições. Tais discussões darão o contorno necessário para inferirmos sobre o que vem a ser a antinegitude, como ela se diferencia do racismo e o porquê desse conceito ser primordial para o estudo da obra em questão.

## 2. Delfina: a perdiz busca alçar voo

No enredo, Delfina é a personagem principal da trama, pois, ao alcançar o seu maior objetivo, é o canto dela que será comparado ao da perdiz que dá nome ao romance.

Dizem que tudo aconteceu como num conto de fadas. [...] Na densa escuridão ouviu-se uma perdiz com forma de mulher cantando gurué, gurué! O mundo inteiro se espantou porque só as corujas cantam de noite. O canto da perdiz numa noite sem lua era mau agouro. Muitos abandonaram os quartos, e com tochas acesas tentaram iluminar o céu para testemunhar o insólito. Viram uma imagem difusa muito perto das nuvens. Seria mesmo perdiz? (Chiziane, 2018, p. 229).

Dentro do contexto social em que é criada por sua família, ela carrega diversos traumas por sua cor, gênero e classe social. A não aceitação de sua cor é um ponto fulcral em sua vida, pois leva a personagem a traçar sua trajetória sob o afastamento de sua negritude a qualquer custo. Essa problemática fica evidente em um dos primeiros diálogos que ela tem com sua mãe, Serafina, que aparece no enredo: “Mãe, por que me fez assim tão escura? [...] – Por que não me fizeste com um branco, mãe? Felizes são as mulatas e brancas que nasceram com diamantes no corpo” (Chiziane, 2018, p. 83). A lógica primordial do racismo dá-se com brancos de um lado e negros de outro, mas, como nos mostra o narrador do romance, existe um meio entre esses dois opostos e ele é o mestiço. Conforme argumenta o narrador:

[...] branco em cima, mulato no meio e o negro na cauda da História. Quando o branco partir, o mulato assumirá o comando. Depois da independência, ainda veremos o mulato na liberdade das ruas. [...] No balcão de um banco. Contabilista, economista. Na passarela das misses, porque só será bela a que herdar a tez dos marinheiros. Não precisará de muita labuta para ser gente, para ter bom emprego, boa casa, boa vida, porque o poder é a sua herança. O negro, duro como o coco, terá o seu lugar privilegiado no barro dos montes, na carga, na cozinha. Por isso a mulher negra buscará um filho mulato. Para aliviar o negro de sua pele como quem alivia as roupas de luto (Chiziane, 2018, p. 189).

Através da colonização, o povo negro foi enxotado de suas terras férteis, obrigado a pagar impostos abusivos e mandado para a escravidão em navios negreiros. Os brancos colonizadores se fizeram donos de tudo e de todos. Apenas eles e seus descendentes (mestiços) tiveram alguma chance real de prosperar, já que nessa estrutura que foi criada pelo colonialismo, o que irá garantir um bom emprego e a ascensão social será, necessariamente, o quanto o sujeito se afasta da negritude, isto é, quanto menos negro se é mais privilégios sociais se alcança.

Ao pensarmos nessa não aceitação de sua cor, por parte da própria personagem, identificamos uma ideia de não-existência do indivíduo negro que vai muito além do racismo. Para analisarmos as contrariedades presentes nesse enredo, recorreremos ao conceito de antinegritude, que é um braço teórico do Afropessimismo. Para isso, nos valeremos das ricas considerações do professor João H. Costa Vargas, que vem trabalhando com esse conceito nos contextos do Brasil e dos Estados Unidos da América. Pretendemos aqui aproximar essas contribuições do contexto retratado no romance, que, mesmo estando fora do eixo tratado pelo autor, compreende a vivência do negro em uma sociedade colonizada por portugueses, como é o caso do Brasil, que utilizou a terra para enriquecimento de sua metrópole, deixando os indígenas à própria sorte.

No texto “Paradigma: antinegritude e antagonismo estrutural”, publicado em 2017, o autor, que é professor de Antropologia, argumenta que o racismo não dá conta das relações sociais em que o sujeito negro está inserido. O fato é que as diversas vertentes que estudam o racismo consideram como importante a díade branco/não branco e, dessa forma, a referência de humanidade é direcionada ao homem branco e o negro passa a representar um ser inferior. No entanto, quando refletimos sobre a existência social do sujeito negro, entendemos que a situação vai além da inferioridade, porque existe uma negação da humanidade do povo negro. Esses sujeitos são tratados como uma raça animalizada, por isso que a díade negro/não negro, que fundamenta o conceito da antinegritude, é mais precisa e primordial para o estudo dessas relações empreendidas nos diversos âmbitos que perpassam a vida do povo negro. A partir dessa díade, podemos situar o meio termo da pirâmide, que é ocupado pelos mestiços, porque, mesmo estando entre os opostos, eles também vão enfrentar desafios para encontrar seu lugar no tecido social. De fato, para Guimarães, no caso brasileiro:

O “branco” não se formou pela exclusiva mistura étnica de povos europeus, como ocorreu nos Estados Unidos, com o “caldeirão ético”; ao contrário, como “branco” contamos aqueles mestiços e mulatos claros que podem exibir os símbolos dominantes da europeidade: formação cristã e domínio das letras (Guimarães, 1999, p. 47).

Quando tratamos da díade negro/não-negro, existe um “[...] contínuo mais abrangente, graus de Humanidade não são conferidos a partir da branquitude, mas em relação à distância relativa da negritude. O conjunto da Humanidade, então, inclui pessoas brancas bem como pessoas não-brancas e não-negras” (Costa Vargas, 2017, p. 85). As passagens do romance acima evidenciam essa proposição, pois o narrador nos mostra quais sujeitos servem para determinados postos de trabalho a partir da tonalidade da pele. Por esse mesmo motivo, dentro dessa estrutura, considera-se belo e capaz intelectualmente aquele que mais se afasta dos traços fenótipos do negro e, desta forma, portador de determinados atributos morais e culturais, compartilhando os valores morais desta cultura e dando-lhes suporte; em outras palavras, “embranquecendo” (Souza, 2019).

No artigo “Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade”, publicado em 2020, João H. Costa Vargas versa sobre as origens do conceito “racismo” nas sociedades modernas. Para ele, esse pensamento “separa o mundo social em dois grupos: pessoas brancas de um lado e pessoas não brancas de outro”; desse modo, essa díade “sugere que as formas de desigualdade a que pessoas não brancas estão sujeitas são resultado da supremacia branca, a qual valoriza a branquitude ao mesmo tempo em que desvaloriza a não branquitude” (Costa Vargas, 2020, p. 17). À vista disso, o racismo pode ser pensado como ações individuais e institucionais que produzem desvantagens estruturais aos sujeitos não brancos de um dado grupo.

Silvio Almeida, em seu livro *Racismo estrutural* discute essa divisão e aponta que apesar de a literatura, que trata o tema racismo, abordá-lo de modo único, na sociedade, o sujeito negro enfrenta três tipos de concepções de racismo: o individual, o institucional e o estrutural. Cada qual trará uma relação distinta: o individual se relacionando entre “racismo e subjetividade”, o institucional entre “racismo e Estado” e o estrutural entre “racismo e economia” (Almeida, 2021, p. 35).

O racismo, individual e institucional, acontece em uma sociedade que o tem como regra e não apenas como uma exceção que traria alguns poucos casos à tona. No entanto, seria incorreto dizer que, por se tratar de um esquema estrutural, os

indivíduos e as instituições que cometem atos racistas não devam ser responsabilizados por suas ações. Almeida (2021) enfatiza que “[...] do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (Almeida, 2021, p. 50). Para o crítico:

A ênfase da análise estrutural do racismo não exclui os sujeitos racializados, mas os concebe como parte integrante e ativa de um sistema que ao mesmo tempo que torna possível suas ações, é por eles criados e recriados a todo momento. [...] Entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (Almeida, 2021, p. 52).

Desse modo, os teóricos que se debruçam sobre esse conceito, como é o caso de Silvio Almeida, e, até mesmo, os ativistas e gestores de políticas públicas, entendem que através de decisões políticas e administrativas com práticas antirracistas, o racismo pode ser expurgado do mundo.

A antropóloga e professora Luciane Rocha, autora dentre outros de “De-matar: maternidade negra como ação política na pátria mãe (gentil?)”, que compõe a coletânea de Osmundo Pinho e João Vargas, intitulada *Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira* (2017), ressalta a importância de mudar o conceito de racismo para “antinegitude”, a fim de evidenciar os processos de inferiorização da população negra, um resquício da escravidão que mantém os corpos negros como mercadoria até hoje. Em debate organizado pelo Ibccrim (Instituto Brasileiro de Ciências Criminais), Núcleo de Diversidade e Igualdade Racial da OAB e Defensoria Pública de SP, a antropóloga discorre:

A antinegitude contempla os ataques pessoais, culturais, sociais, legais e estruturais que as pessoas negras sofrem diariamente. Racismo é muito geral e maleável. Quando a gente fala em racismo, não é apenas a população negra. A gente está falando de raças. Por isso a gente precisa falar em antinegitude e não em racismo (Rocha, 2019, s/p.).

Dessa forma, indo na contramão do racismo, a antinegitude, por entender que não se trata de um desvio social ou apenas “[...] uma prática institucional, mas de fato uma constante estrutural, um código moderno de ontologia e sociabilidade que estrutura toda forma de interação humana, é imune a ajustes resultantes de políticas públicas e de esforços individuais” (Costa Vargas, 2020, p. 21). Por isso, entende-se que mesmo que não existam demonstrações explícitas de ódio ao povo negro, a antinegitude<sup>2</sup> está presente, porque a estrutura social foi tecida através dela. Na perspectiva da antinegitude, as relações sociais como conhecemos foram criadas a partir da escravização do povo negro, por isso se torna tarefa difícil imaginar uma possibilidade de extirpar o preconceito e a discriminação apenas com mudanças políticas e administrativas.

Para abandonar a antinegitude, seria necessário reformular os modos de relacionamento que foram apreendidos pela colonização. Mas “como mudar o inconsciente coletivo, ou, mais especificamente, como modificar a noção de Humanidade, questões que dependem fundamentalmente da antinegitude?” (Costa Vargas, 2020, p. 21). A antinegitude nasce justamente no imaginário social que torna possíveis as questões sociais fundamentais, como crenças, ideologias, culturas, entre outros.

No romance, o estigma colonial assombra os pensamentos e as crenças de Delfina, e esse sentimento a acompanhará por toda a vida. Fanon (2008) afirma, nessa direção, que “o problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico” (Fanon, 2008, p. 59). Veremos no decorrer da trama que esse comportamento fóbico do indivíduo colonizado, que o autor menciona, dá-se por precisar (sobre)viver em uma sociedade embebida pela antinegitude, que valoriza apenas o modelo eurocêntrico criado para ser o superior. Portanto, existe uma fobia em não pertencer, tendo em vista que no colonizado “existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável” (Fanon, 2008, p. 59).

---

<sup>2</sup> Um conceito que se aproxima muito da antinegitude e se opõe ao racismo é o colorismo. Esse termo foi utilizado pela primeira vez por Alice Walker, em 1982, em seu ensaio “If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?”, publicado no livro *In Search of Our Mothers' Garden*. No entanto, ele utiliza a branquitude como peça chave de comparação, diferentemente do conceito antinegitude apresentado.

Em sua infância e adolescência, Delfina já percebia que a vida que levava era bem diferente da dos indivíduos que tinham um estatuto superior ao de sua família. Para ela, “a vida dos brancos é fantástica” (Chiziane, 2018, p. 76), dadas as diferenças entre o modo de viver de ambos. A seu ver, o indivíduo branco é o modelo de humanidade. Essa ideia é pautada pelo que Fanon chama de espelho narcísico do homem branco. Ao se enxergar como o modelo de universalidade, impõe ao colonizado o lugar de ser inferior e, por isso, na pretensão de também se tornar humano, o indivíduo tenta se enxergar através desse espelho.

Para Fanon, a mulher negra, “[...] não podendo mais enegrecer o mundo, ela vai tentar embranquecê-lo no seu corpo e no seu pensamento” (Fanon, 2008, p. 56). Por isso, entendemos que, para fugir desse lugar de outro, a personagem passa a projetar para si uma vida em que, além de não passar dificuldades econômicas, seria reconhecida pela sociedade como uma cidadã de respeito, ou seja, igual aos demais, o que não era possível para um negro, tendo em vista que essa condição era conferida apenas aos brancos, aos mestiços e aos não indígenas.

Através do conceito de antinegitude, apresentado por João Costa Vargas (2017), é possível entender o não-lugar reservado ao negro em uma sociedade colonial/colonizada. O alcance dos mais diversos benefícios nessa sociedade dependerá do quanto o sujeito se afasta da negritude. “Ser negra é doloroso. Negro não tem deus nem pátria” (Chiziane, 2018, p. 81). Diante disso, começa a aparecer em seus pensamentos o desejo de deixar de ser negra, de abandonar a sua cultura e a de seus antepassados para embranquecer-se e, dessa maneira, enxergar-se refletida no espelho do colonizador.

Para a personagem do romance de Chiziane, tudo o que envolve o ser-branco passa a ser fascinante: “Eles mataram as árvores, mataram os bichos e construíram cidades iluminadas apesar de ofuscar o brilho da lua” (Chiziane, 2018, p. 76). Desse modo, o natural perde seu valor em relação ao desenvolvimento e, mesmo ela, reconhecendo o brilho da lua, que é muito mais esplêndido que a iluminação elétrica – indicado pelo advérbio “apesar” –, é levada a querer aquela vida, pois ser branca ou ser tratada como uma mulher branca é muito melhor que ser preta: “A imagem dos casarões antigos projeta um futuro de grandezas na sua mente e ela jura: terei a grandeza das sinhás e das donas, *apesar de preta!*” (Chiziane, 2018, p. 76, grifo nosso). Fanon nos adverte que, “[...] para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (Fanon, 2008, p. 28). Essa constatação do autor nos leva a pensar sobre o



discurso que envolve Delfina a ponto de negar a própria existência para conseguir ser parecida com as sinhás brancas. Isso só poderia acontecer através das artimanhas utilizadas pelo sistema colonial para subjugar e humilhar os colonizados.

De fato, Delfina almeja a vida de uma senhora branca casada com um homem branco, com filhos mestiços e com tudo o que isso pudesse trazer, desde belos vestidos de renda até “[...] criados tão pretos como ela, que tratará como escravos”. Dessa forma, “terá a grandeza das sinhás e das donas, *apesar de ser negra*, ela sente. [...] As mulheres negras que casam com homens brancos sobem na vida” (Chiziane, 2018, p. 77, grifo nosso). Com essa passagem, verificamos que não basta ter uma vida boa, mas se torna essencial exercer poder sobre outras pessoas pretas para se sentir verdadeiramente uma senhora branca, ou seja, é necessário humilhar da mesma forma que foi humilhada e tornar abjetos os seus semelhantes para se sentir superior.

Quando encontra o amor, Delfina se surpreende, pois o homem por quem se apaixona é negro e isso a incomoda. Existe uma desaprovação mútua: ela, por estar se apaixonando por um homem preto, pobre, um condenado. Ele, por ela ser uma prostituta que vendia seu corpo em troca de sustento. No entanto, mesmo com todos esses impasses, decidem se casar, pois só assim poderiam se desfazer daquele amor. Dessa forma, já decidida, Delfina leva José dos Montes para conhecer seus pais e assim firmarem o noivado, mas sua mãe imediatamente desaprova o matrimônio:

[...] – com esse preto? – Oh! Não entende! A mãe é ainda mais negra que ele! – Melhora tua raça, minha Delfina! Repete inconscientemente o que ouvia da boca de tantas mães negras. E dos brancos. Casar com um preto? Confirmando que o sexo é uma arma de combate em tempos de guerra. Casar com um preto? Palavras comuns na boca dos marinheiros. Que os próprios negros adotavam como verdades inquestionáveis. [...] as falsidades ganham a forma de verdade. O estigma da raça deixou sementes cancerígenas, que se multiplicam como a raiz de um cancro, e matarão gerações, mesmo depois da partida dos marinheiros (Chiziane, 2018, p. 92).

Como o narrador deixa bem marcado no enredo, a intenção de “melhorar a raça” não nasce do sujeito negro, na realidade ela é imposta pelo dominador, que implanta o pensamento de rejeição da própria raça no dominado. A colonização aqui se mostra não apenas como a dominação de uma determinada terra, ou mesmo de um país, mas do inconsciente do colonizado, dos pensamentos e até mesmo das

convicções de todo um povo, e que ficará registrada até mesmo depois que forem embora para suas longínquas terras.

Nesse sentido, existe um discurso formulado pela colonização que para Bhabha tem como objetivo “[...] apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (Bhabha, 1998, p. 111). Nesse caso, fica elucidado que Serafina apenas repete o discurso colonial forjado para manipular os desejos e as opiniões dos outros. Esse discurso não foi implantado de uma hora para outra, mas através de anos e por muitas repetições que escutou durante grande parte de sua vida, tanto da boca dos próprios pretos quanto da dos brancos que se julgavam donos de tudo e de todos. Não parte dela o sonho da branquitude, mas esse ideal foi plantado e disseminado para que se entendesse que o europeu era o exemplar de ser humano. Nas palavras de Fanon, “embranquecer a raça, salvar a raça [...] para assegurar sua brancura” (FANON, 2008, p. 57); ou seja, a sua possibilidade, e a de sua filha, de se enquadrar nos padrões de humanidade criados pelo eurocentrismo.

Na trama, o casamento acontece e José dos Montes se torna um assimilado para satisfazer todos os sonhos materiais de sua esposa. No entanto, após ter dois filhos de seu esposo, Delfina volta a se relacionar com um branco, Soares, mesmo ainda casada. Ele, por sua vez, já tinha setenta anos, era casado e tinha quatro filhos com sua esposa branca; mas, tomado pela vaidade, comum à maioria dos homens, passa a viver uma vida dupla, mantendo Delfina como sua amante. Dessa forma, “[...] despertou em si uma parte do corpo que dormia e deu-lhe uma filha como que afirmando ao mundo a sua virilidade renovada” (Chiziane, 2018, p. 223).

Na trama, Delfina decide que é o momento de realizar seus mais profundos desejos da mocidade, tornar-se uma sinhá. Para concretizar seu plano, abandona José dos Montes e busca a ajuda de Simba, o feiticeiro local, para dar suporte ao seu mais novo objetivo. No entanto, encontra o julgamento de Simba por ter traído o marido:

– Mataste um homem. – Não o matei, libertei. – Ter um marido branco é o meu sonho. Se ao José fosse dada a sorte de casar com uma branca, ele me abandonaria de imediato, conheço bem o ambicioso que ele é. Como eu, só pensa em subir na vida sem olhar os meios. A sorte coube a mim, por que me condena? Por que eu sou mulher? (Chiziane, 2018, p. 215).

Para a personagem, não podia haver outro caminho para a realização total de um negro a não ser o de se relacionar com um branco, pois daí sairia toda a felicidade.

Ora, vale pensarmos que apenas os brancos, mestiços e não indígenas tinham *status* de pessoas superiores naquela sociedade. Os negros assimilados eram considerados cidadãos de segunda classe e os que não se rendiam a assimilação eram os “condenados da terra”, pois, para prover seu sustento, só sobriariam os serviços no campo, os serviços domésticos e a prostituição.

Não aceitando a crítica, por entender que não era correto que ela deixasse de perseguir seus sonhos por conta de seu gênero, já que, em seu pensamento, se seu marido tivesse essa oportunidade, ele agiria da mesma forma; lança a proposta ao feiticeiro:

– Coloca a tua magia ao meu serviço. Traz o homem para o meu leito, Simba. Sou uma boa negra para um homem branco. Quero mostrar que uma negra pode ser gente e pode ultrapassar as barreiras entre as raças. Se me ajudares neste negócio serás bem pago. Com dinheiro vivo. Propriedades até. Dar-te-ei metade do que conseguir. – Quero uma casa com teto de zinco, Delfina. – Terás tudo, eu juro. – Delfina fala com muita convicção –, terás, sim. O velho só tem olhos pra mim, só pensa em mim, terás a casa que queres, prometo (Chiziane, 2018, p. 220).

O detalhe a ser analisado aqui é que Delfina pretendia provar que tinha valor, mesmo a sociedade considerando que ela era menor ou inexistente por seu gênero e sua cor. Com esse trecho, fica evidente que ela apostaria tudo para alcançar o sonho que a acompanhou por toda vida, o de alcançar o *status* máximo para uma mulher negra dentro daquela sociedade, ser amasiada com um homem branco e desfrutar de suas riquezas, que, por sua vez, foram adquiridas através da exploração dos colonizados pretos.

Ao aceitar participar dos planos de Delfina, Simba garante os seus mais profundos sonhos, que eram os de adquirir riquezas, pois, como feiticeiro, profissão que não era bem vista pelo regime, ele não tinha pretensões de crescimento econômico, porque seus clientes eram tão pobres quanto ele. No entanto, avisa à cliente dos riscos que ela estaria correndo:

– A bruxaria dá sucesso por empréstimo – adverte com severidade. – Com o tempo apodrece, Delfina, e tudo fica pior que antes. Simba olha para ela com paixão redobrada, mas diz que sim. [...] Com esta louca farei fortuna. Será minha refém, meu escudo de vitória. Com esta maluca vou lucrar. Quando ela descobrir a trama terei já feito o meu pé de meia. E muitas coisas mais. Sente que algo os une, algo que não consegue decifrar nem visualizar. Algo que se estende em direção a ele como uma tábua de salvação (Chiziane, 2018, p. 221).

Com o feitiço lançado, começa a guerra entre as duas mulheres, a esposa contra a amante. Uma branca e a outra preta. No início dessa batalha, a esposa de Soares não fazia ideia das armas que Delfina usaria e, por isso, não deu muita importância para as mudanças no comportamento de seu marido:

A esposa enfrenta o dilema do fim do ciclo. Os filhos que partem. As forças que se esgotam. Os sonhos que morrem. O marido que foge. Ela senta-se na varanda e borda. Em ponto de croché urdindo as melhores palavras para justificar gentilmente as loucuras do seu homem. Bordando em ponto de cruz as palavras de consolo: a melhor parte deste homem, tive-a eu. Por mim ele consumiu toda a sua energia. A mim e só a mim deu a melhor parte de si: quatro filhos maravilhosos. A dignidade e a honra me pertencem, não me vou ralar com as criancices de um velho em decadência. Essas mulheres com quem ele se mete, tal como porcos, recebem as sobras de tudo o que consumi! (Chiziane, 2018, p. 224).

Delfina, por outro lado, utilizou todas as artimanhas que tinha ao seu alcance para fazer com que Soares não se sentisse bem dentro de sua casa com a sua família. Com seus meios, apenas ao seu lado ele se sentia feliz. Para isso, ela:

Usou favores de um serviçal da casa que se aliou à trama e organizaram um verdadeiro carnaval de magia na sua residência. Introduziram um ambiente místico dentro de casa colocando bruxedos em vários cantos: escorpiões, sapos, cobrinhas, aranhas negras. Abriam e fechavam as portas, simulando a misteriosa presença de espíritos errantes, nas noites de lua. Aterrorizaram a família inteira semeando insónias, enigmas, choros, pavores, doenças neuróticas, numa bruxaria qualificada, genial, experimentada, depurada, aprovada, que acabou por enlouquecer um dos filhos de Soares (Chiziane, 2018, p. 226).

Através de suas estratégias de sedução e da bruxaria de Simba, Delfina conquista Soares. A esposa branca, derrotada na guerra pelo velho branco, parte para Lisboa por temer pela sanidade de seu filho. Todavia, a união do branco com a preta não é bem aceita nem pelos negros e muito menos pelos brancos, que consideram uma desonra para sociedade branca local.

Dizem que o mundo inteiro se iluminou de espanto. Alguns negros viam a ascensão de uma jovem negra. Alguns brancos viam as loucuras de um velho colono. Alguns negros e brancos viam em comum a perversão das suas raças. Delfina fechava os ouvidos às bocas do mundo e voava alto (Chiziane, 2018, p. 230).

Na pretensão de se encaixar nos moldes exigidos para fazer parte do ideal de humanidade, Delfina vai além dos princípios éticos e conquista tudo o que sempre

sonhou e agora se sentia completa, pois havia triunfado. A partir daí, ao voar alto, passa a ser a perdiz e, sem se preocupar com a opinião da sociedade, entoava um alegre canto pelo fim da fome e da pobreza que assolam a sua família.

De acordo com Fanon (2008), “a preta se sente inferior, por isso aspira a ser admitida no mundo branco. Nessa tentativa ela será auxiliada por um fenômeno que denominaremos eretismo afetivo” (Fanon, 2008, p. 66). No entanto, mesmo tendo conquistado a paixão de Soares e gerado dois filhos com ele, ambos mestiços, a personagem enfrenta o dilema da não aceitação de sua cor.

– Soares, gostas de mim? – Adoro-te, minha preta. Minha preta, negrinha. Uma expressão ofensiva, humilhante, redutora. Porque já tinha ultrapassado as fronteiras de uma negra. Ela tinha um homem branco e filhos mulatos. Ela já falava bom português e tinha a pele clareada pelos cremes e cabeleira postiça. *Sou preta sim, mas só na pele*. Já sou mais do que uma preta, casei com branco! (Chiziane, 2018, p. 232, grifo nosso).

A devoção de Soares por ela não é o suficiente, Delfina precisa se desvencilhar da imagem de negra – leia-se aqui, diante do já exposto, inferior – para se sentir completa. A adoção da linguagem, dos costumes e até mesmo da imitação da estética valorizada pelo colonizador não lhe dá o status de branca – leia-se, igualmente exposto, aqui, como superior –, como desejava. Pelo contrário, continua tão negra como antes, provando que para o mundo ela estava presa em sua negritude. Em seu imaginário, a condição de senhora mudaria a visão que a sociedade colonial tinha dela. De acordo com Bhabha:

O imaginário é a transformação que acontece no sujeito durante a fase formativa do espelho, quando ele assume uma imagem distinta que permite a ele postular uma série de equivalências, semelhanças, identidades, entre os objetos do mundo ao seu redor. No entanto, esse posicionamento é em si problemático, pois o sujeito encontra-se ou se reconhece através de uma imagem que é simultaneamente alienante e daí potencialmente fonte de confrontação. Esta é a base da estreita relação entre duas formas de identificação associadas com o imaginário – o narcisismo e a agressividade. São precisamente essas duas formas de identificação que constituem a estratégia dominante do poder colonial exercida em relação ao estereótipo que, como uma forma de crença múltipla e contraditória, reconhece a diferença e simultaneamente a recusa ou mascara. Como a fase do espelho, ‘a completude’ do estereótipo – sua imagem enquanto identidade – está sempre ameaçada pela “falta” (Bhabha, 1998, p. 119).

O que falta para Delfina é a brancura em sua pele, pois ela considera que, a partir da adoção do reflexo de humanidade, posto a essa cor, permanece preta apenas

na epiderme. Tudo em si faz parte do mundo branco, mas esse mundo não a aceita. Sua vida só tem sentido se houver essa aceitação, pois “[...] o negro não pode se satisfazer no seu isolamento” (Fanon, 2008, p. 60), e seu maior objetivo é o pertencimento. Na perspectiva de Fanon:

Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. [...] é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. A retração do ego como processo bem sucedido de defesa não é viável para o negro, pois ele precisa da sanção do branco (Fanon, 2008, p. 60).

O desespero da personagem se justifica pelo fato de, mesmo tendo alcançado tudo o que desejou, desde a sua infância, aos olhos da sociedade ainda é considerada preta, ainda que em seu espelho o reflexo seja o de uma mulher branca, pois ela adotou o olhar, a cultura e os costumes do colonizador, vestindo assim suas máscaras. Desse modo, ela ansiava desesperadamente que seu companheiro reconhecesse que ela se afastou de sua negritude:

– Eu te amo porque és branco, és civilizado, és bom. Antes de ti tudo era negro, era pobre. Hoje temos rádio e até eletricidade. Aqui em casa tudo é higiene, não falta roupa, não falta comida e até comemos bacalhau. – Delfina, meu anjo, falas como se os pobres não fossem humanos. – Os pretos não são nada, Soares (Chiziane, 2018, p. 233).

– Ah, Soares, deves estar enganado. Um preto é um preto, um branco é um branco. Foi Deus que fez o mundo e colocou as coisas assim como estão. E se acontecer essa liberdade de que tanto falas, quem vai lavar o palmar? Quem vai colher o coco? Quem irá lavar em barrela as minhas saias brancas e corá-las ao sol? Quem cuidará das minhas hortas? (Chiziane, 2018, p. 234).

A partir desse trecho, é possível notar o imaginário social criado para embasar o não pertencimento do sujeito negro na humanidade (como esta foi formulada), pois essa frase, proferida por uma mulher preta, indica como ela interiorizou (e até de maneira inconsciente) a ideia de que seus iguais não são nada e, ao vestir as máscaras brancas, a personagem passaria a não fazer parte dessa classe. Por sua condição social ter melhorado, ela se vê como superior, mas não entende que, para o regime colonial, nem mesmo mudando de classe social, através da união com Soares, seria possível para uma negra ser considerada da mesma importância de uma mulher branca.

Delfina, meu anjo, o que te leva a recusar a tua própria existência? Amei-te por seres negra e não por seres a imitação de uma branca. Esposa branca tive eu. Muito branca, muito loira, com a pele tão branca como o trigo nos campos. Amo em ti a cor da terra, a cor da fertilidade. – Deixa-me usar minhas armaduras, meu amor, não me perturbes. Preciso de atrair todos os brilhos do firmamento sobre o meu corpo. Das raças desenharam-se já os caminhos do futuro. Os que vestem a cor da lua suplantam à nascença os espinhos da vida (Chiziane, 2018, p. 236).

Da mesma forma agia com os filhos, diferenciando cada um pela cor de sua pele. Para os mestiços, que se afastavam da negritude e que eram o orgulho de seus dias, tudo era permitido. Aos filhos pretos, que representavam a terrível lembrança de sua vida antes de ser senhora, sobravam os restos e a servidão dentro de sua própria casa:

– Comprei roupa para a Maria das Dores (negra). – Fica para a Jacinta (mestiça). – É grande. – Há de usar quando crescer. – Delfina, por que trataas crianças com esta diferença? – Soares, esses filhos são os meus e não os nossos. – Não sentiste as dores de parto, não sangraste por cada um destes filhos negros? – Tudo é diferente, não vêes? O céu é diferente. [...] Os mulatos nasceram com a lua no ventre. O mundo é deles. Por isso todos querem ser como eles. Os pretos branqueando-se e os brancos bronzeando-se. Os filhos negros representam o mundo antigo. O conhecido. São o meu passado e o meu presente. Sou eu. E eu já não quero ser eu. Os filhos mulatos são o fascínio pelo novo. Instrumentos para abrir as portas do mundo. A Zambézia ainda é virgem, não tem raça. Por isso é preciso criar seres humanos à altura das necessidades do momento (Chiziane, 2018, p. 237).

Na hora da refeição repetia-se o mesmo discurso. Jacinta, lavastes as suas mãos? Não podes vir a mesa com as mãos sujas de poeira, senão ficam pretas como as da Maria das Dores. Não comas essas verduras, nós pretos é que comemos isso. Pode comer galinha à zambeziana. Come mandioca tu, Zezinho, tu, Luisinho, não podes comer, senão vais cheirar a catinga de preto. – Por que maltratas as crianças, Delfina? – Queres que eu respeite os negros, Soares? O pai deles, esse pescador, sipaio, plantador de coco, o que é que já lhes deu? Eles deviam agradecer a mim, Delfina, pela sorte de lhes ter dado um padrasto branco (Chiziane, 2018, p. 238).

Não demorou muito tempo para que as crianças passassem a reproduzir todos os estereótipos da antinegritude potencializados por Delfina até dentro de casa. Ao digerir a diferenciação que a mãe fazia entre os filhos, eles também passaram a se questionar, como doravante Delfina fez com sua mãe Serafina, a sua concepção e as suas posições nesse mundo:

Um dia as crianças rodeavam Delfina e Soares lançando uma saraivada de perguntas. Com palavras cáusticas, tal como aprenderam dentro de casa. Soares entra em pânico. Meu Deus, estas crianças que me acusam, e eu só lhes queria dar abrigo, alimento. Onde irei buscar as respostas sábias para

explicar os conflitos do mundo? – Mãe, por que me fez preto? pergunta o Zezinho –, eu também quero ter a pele clara como a Jacinta ou meu pai branco. – Ah, Zezinho, se eu pudesse adivinhar o futuro, não teria casado com o vosso pai, esse preto, esse pobre! – Pai, por que me fez com uma preta? – pergunta Jacinta. – Eu queria também ter uma mãe branca, para ser igual à sua outra esposa. – Cala-te, Jacinta – grita Delfina –, se não fosse eu a arranjar-te um pai branco, terias nascido preta como os teus irmãos. Se não fosse o meu zelo na tua educação, tu terias crescido com coração de preta, como a Maria das Dores. Maria das Dores revolta-se. Ela tem doze anos, ela pensa. – Não, minha mãe. Não eram essas as palavras que querias proferir, não eram. O teu desejo era alimentar-nos com os melhores manjares deste mundo. Nem era essa a voz com que nos falavas quando o nosso pai negro estava aqui. Eu era a princesa do pai negro, mas nesta casa tudo é novo, tudo mudou, desde que o pai branco chegou (Chiziane, 2018, p. 238-239).

Desse modo, a partir da formação dada para internalizarem a estrutura da antinegitude, as crianças também passam a negar suas origens. Os filhos pretos passam a desejar um pai branco para serem mestiços como seus irmãos e os mestiços desejam uma mãe branca para se afastarem completamente da negritude, pois, como bem apreenderam através dos ensinamentos sociais e familiares, quanto menos fenótipos negroides apresentam, mais se afastam da negritude e, conseqüentemente, mais privilégios alcançam.

Outro ponto interessante a ser notado é a imensa desaprovação que Delfina tem por sua primogênita, mostrando o quanto ela não aceita a sua condição racial, pois vê em Maria das Dores o reflexo de uma imagem à qual ela tenta se desvencilhar e tudo que por toda vida pretendeu negar e apagar, e, por isso, busca humilhá-la para se sentir melhor. Dessa forma, ao impor a ela e a seus outros filhos essa diferenciação totalmente baseada na antinegitude, perpetua o discurso do colonizador e a estrutura social dentro de sua própria casa.

Após sete anos convivendo com Soares, a personagem se vê em um beco sem saída, pois o encanto dos primeiros anos havia se encerrado e o efeito da bruxaria havia passado. Soares sente falta de sua família, de sua esposa branca, que ele abandonou para se amasiar com Delfina. Em um dia, como outro qualquer, ele se despede dela, como de costume, e parte para Lisboa em busca de sua família. Delfina fica para trás com os quatro filhos, dois pretos, de José dos Montes, e dois mestiços, de Soares.

As mulheres negras que vivenciam a colonização desejam desesperadamente se casar com um homem branco, “[...] porém também elas talvez compreendam um dia ‘que os brancos não se casam com uma mulher negra’. Mas aceitam correr o risco, porque precisam da brancura a qualquer preço” (FANON, 2008, p. 58-9). A



personagem em questão descobre da pior forma que seu conto de fadas havia acabado, mas não desiste facilmente do que considera seu. Contudo, antes de tomar qualquer providência, precisa enfrentar a vingança da sociedade. Os brancos e os mestiços carregam ódio por ela ter enfeitado e seduzido um colono branco. Os negros nutrem o desejo de vingança por ela ter conquistado tudo o que eles também desejavam ter.

Para puni-la exemplarmente por suas realizações, um sipaio é contratado para matá-la, e assim mostrar aos pretos admiradores de suas práticas que o regime colonial não suportava que uma negra saísse impune após a ausência, por partida ou morte, do homem branco que ela retirou de uma família branca de colonos. O homem, então, chega à sua propriedade, mas, antes de matá-la, decide se aproveitar da situação. Ele a violenta sexualmente, come e bebe de tudo que tem em sua dispensa e resolve que irá manter essa situação por um tempo mais longo que o esperado. Desse modo, volta sempre que sente vontade de abusar de Delfina.

- Delfina, sabes quem sou? Sabes por que estou aqui? Fui pago para vingar a tragédia de Soares. Fazer-te desaparecer da superfície da terra, depois da tortura. Cobrar tua ousadia. Desafiaste os pretos, desafiastes os brancos. Tens que morrer para moralizar a sociedade. Sou bom a matar, sou bom, matei já muitos. Mas a ti não tenho coragem (Chiziane, 2018, p. 247).

No entanto, Delfina, ao perceber o risco que estava correndo, providencia um veneno que, ao ser misturado ao vinho, mata-o aos poucos, e assim se livra do mercenário. Quando se vê nessa situação, volta a procurar Simba, o feiticeiro que a ajudou na conquista, mas desta vez ela precisa de algo ainda maior. Necessita que a bruxaria feita por ele ultrapasse a imensidão do mar para alcançar o seu companheiro branco, que até ali lhe deu a segurança financeira e social que sempre almejou, e que agora se via à mercê de outros sipaios que buscariam se aproveitar dela com o intuito de subtrair seus bens e até mesmo sua vida.

– Bravo, Delfina! Mas... o que me dás em troca? Pensa rapidamente. Nas coisas que ainda tem. No recheio da casa que reclama. Nas joias que pode vender, para pagar os serviços. Pensa nos inúmeros vestidos, capulanas, sandálias. *Pensa em Maria das Dores*. Para a mulher, estudar não é importante. Porque o amor não precisa de leitura nem escrita. Parir um filho não exige escola. Agarrar um homem rico é uma questão de tática e não matemática. Prender o homem na cama é uma questão de magia e sabedoria. Viver bem é uma questão financeira. Ela, que mal lia e escrevia, conseguira caçar um branco rico que trocou toda a família por ela, deixando para os filhos uma boa fortuna. O mais importante para uma mulher não é um

diploma, mas a sorte na vida e a tática de caçar um homem que sirva. Depois do longo silêncio, volta à superfície com uma resposta macabra. – Dou-te a virgindade da minha filha (Chiziane, 2018, p. 251).

A personagem não aceita perder a brancura que havia conquistado e para recuperá-la está disposta a entregar tudo o que tem. Ora, Maria das Dores é sua primeira filha, fruto da união com José dos Montes. Para a personagem, existia uma grande diferenciação no tratamento dos filhos negros e dos filhos não-negros. Para Delfina, a negrura na pele de sua filha a obrigava a ser considerada inferior em comparação aos outros dois filhos. Dentro da situação colonial, o corpo negro é vendido como mercadoria. Ela havia aprendido essa lição em sua infância, quando sua mãe Serafina a iniciou na prostituição com a mesma idade de sua filha, doze anos:

[...] a mãe a atirou como uma gazela na jaula de um carnívoro. O velho branco estava no quarto escuro esperando por ela. Segurou-a. Apalpou-a. Sugou-a. A mãe sorria lá fora, tomando um copo de vinho e esperando por ela. Foi um momento de conflito intenso, em que não conseguia entender a alegria da mãe perante o pecado original (Chiziane, 2018, p. 77).

Delfina perde sua inocência com o consentimento de sua mãe. Sofre um estupro e a partir daí passa a vender seu corpo para alimentar sua família. Talvez, por isso, não haja nenhum obstáculo em entregar sua própria filha para ser violentada por um velho feiticeiro. Vemos aqui uma situação que passa de geração em geração, sempre com o mesmo intuito, conseguir o que se almeja. Da mesma forma que sua mãe a vendeu para saciar a fome da família, ela irá vender a virgindade de sua primogênita para satisfazer a sua sede de pertencimento, que só poderia partir da companhia de Soares, o homem branco.

### 3. Considerações finais

A partir da análise da personagem Delfina do romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, pela perspectiva da antinegitude, podemos concluir que é preciso abandonar a díade branco/não-branco, entendendo que a branquitude não é o ponto nevrálgico das relações raciais, e sim a díade negro/não-negro, que fundamenta a antinegitude. Desse modo, a antinegitude se opõe à lógica do racismo, que tem como essencial a supremacia branca, e, assim, tornam-se distintos, mas relacionados, porque, como nos mostrou Costa Vargas, apesar da supremacia branca conservar dois polos distintos, em que de um lado teremos pessoas brancas e do

outro lado pessoas negras, a antinegitude se distingue, pois “a referência fundamental é a não pessoa negra – uma referência ausente, uma não-referência” (Costa Vargas, 2017, p. 85). Conseqüentemente, o conceito de antinegitude é mais abrangente, completo e mais complexo, pois ele aponta que a perspectiva de superação do preconceito e da discriminação do povo negro só é possível na medida em que se repense o que é ser humano, o próprio conceito de humanidade e a exclusão das pessoas negras desse conceito.

A personagem Delfina ilustra bem o desejo de se afastar da negritude e dessa não-referência não apenas em sua epiderme e roupas, mas, principalmente, em sua busca por uma prole não-negra, tentando assim livrar sua descendência dos fenótipos negroides através de sua união com um homem branco. Dessa forma, nega os ancestrais e modifica a descendência dos que virão. Em sua jornada, notamos as sequelas que a falta de pertencimento pode trazer ao colonizado, pois, mesmo em um casamento estável com José dos Montes, prefere arriscar tudo para seduzir Soares e assim se sentir parte da sociedade.

Ora, como vimos, a não-referência, a não pessoa negra é trans-histórica e, por isso, poderosa e eficiente. Ela permite que todos os não-negros desfrutem de privilégios somente pelo fato de não serem negros. Desse modo, essa relação sentencia a pessoa negra a estar fora do entendimento de humanidade, ou seja, a sua existência, ou não existência, torna possível a pirâmide social, mas o negro em si não faz parte da estrutura humana, pois “[...] ser humano é ser não-negro” (Costa Vargas, 2017, p. 85).

Portanto, mesmo vestindo todas as máscaras exigidas pelo padrão eurocêntrico para embranquecer seu pensamento, sua linguagem e sua cultura, ainda lhe falta a brancura na pele. Dessa forma, o corpo da mulher negra colonizada é usado como mercadoria de troca, e essa condição é naturalizada para manter esses indivíduos subjugados e humilhados. Ora, a subalternidade diz respeito exatamente a situações (historicamente constituídas) de assimetria, de desvantagem social, econômica, racial, de gênero, enfim, de invisibilidade social, que são naturalizadas. Neste contexto, além de subalternizar o feminino, os homens negros são violentados no discurso, pois, por não possuírem a brancura que as mulheres almejam, passam a ser rejeitados, até mesmo por seus iguais. Elemento esse que aponta para estudos futuros, possíveis, sobre as masculinidades em face dessas relações postas pela antinegitude.

**THE PARTRIDGE IN FREE FALL: AN ANALYSIS OF THE CHARACTER  
DELFINA, IN *THE JOYFUL SONG OF THE PARTRIDGE*, BY PAULINA CHIZIANE,  
UNDER THE BIAS OF ANTI-BLACKNESS**

**Abstract:** The article will analyze the character Delfina from the novel *O Alegre Canto da Perdiz*, by Paulina Chiziane (2008), a Mozambican author who, through the black female perspective, addresses unprecedented themes such as sex, female pleasure, witchcraft, true taboos in that society. In the analysis of the character Delfina, we will seek to understand the unique characteristics that are imposed on societies colonized by the global North, resorting to the concept of anti-blackness, the theoretical arm of Afropessimism. Anti-blackness understands that the black/non-black dyad is fundamental for understanding the relationships carried out in the lives of black people. In this sense, the concept differs from racism and will be the primordial element for studying Chiziane's work.

**Keywords:** Paulina Chiziane; Racism; Anti-blackness.

### Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2021.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

CHIZIANE, Paulina. Escritora moçambicana Paulina Chiziane vence Prêmio Camões: 'É o resultado de muita luta'. Entrevista concedida a Ruan de Souza Gabriel em *O Globo*, 20 de out. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/escritora-mocambicana-paulina-chiziane-vence-premio-camoes-o-resultado-de-muita-luta-25244066>>. Acesso em: 07 de fev. 2023.

COSTA VARGAS, João H. Por uma mudança de paradigma: antinegitude e antagonismo estrutural. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 48, n. 2, p. 83-105, jul./dez., 2017.

COSTA VARGAS, João H. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. *Revista EM PAUTA*, Rio de Janeiro - 1º Semestre de 2020 - n. 45, v. 18, p. 16-26.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONÇALVES, Adolto. *Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a literatura moçambicana*. Org. Chaves, Rita; Macedo, Tânia. Maputo: Marimbique, 2012.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROCHA, Luciane. É antinegitude, não racismo, diz antropóloga sobre causa do extermínio da juventude periférica. [Entrevista concedida à] Maria Teresa Cruz. *Ponte*, meio digital, maio de 2019. Disponível em: <<https://ponte.org/e-antinegitude-nao-racismo-diz-antropologa-sobre-causa-do-extermínio-da-juventude-periferica/>> Acesso em: 12 de nov. 2022.

RODRIGUES, José Paz. Paulina Chiziane: uma escritora feminista moçambicana para celebrar o dia da mulher. *PGL.gal*, [S. l.], p. s/p, 4 mar. 2020. Disponível em: <https://pgl.gal/pauina-chiziane-escritora-feminista-mocambicana/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Editora Estação Brasil, 2019.

*Recebido em 07/03/2023*

*Aceito em 30/09/2023*

*Publicado em 05/11/2023*